

Xavier, muito antes de ser apenas extensiva confirmação de tudo quanto se contém na codificação kardecista, no fundo e na forma se constitui num extraordinário trabalho de uma equipe espiritual cujo claro e evidente objetivo é a complementação da Terceira Revelação, tal como foi prometida por Cristo.

(Evangelho de João, cap. XIV, vv. 15 a 17 e 26).

A transcendente tarefa do sábio de Lião, iniciada com a publicação de O Livro dos Espíritos em 1857, vem encontrar em Parnaso de Além-Túmulo seu prosseguimento natural, inclusive e sobretudo no que concerne a novos matizes e revelações condizentes com a época e as condições evolutivas que a humanidade terrestre vive ao longo deste final do Segundo Milênio.

**ELIAS
BARBOSA**

Médico, Psiquiatra, Escritor, Poeta e Catedrático da Faculdade Superior de Medicina do Triângulo Mineiro, em Uberaba, Minas.

Se as obras trazidas ao mundo pelas mãos de Xavier são fruto de osmose imaginária da cultura com a inteligência, como não exigir das pessoas cultas que façam o mesmo? Por outro lado, dispondo de elementos tão vastos para senhorear o campo da letras, com inequívocas possibilidades de extrair dele os mais ricos filões da fortuna material, por que permanecerá Xavier na mesma vida simples, sem aceitar quaisquer proventos dos livros de que é, aliás, co-autor, na condição de médium, quando poderia faturar milhares de cruzeiros, anualmente, por direitos autorais? Estas são as perguntas das muitas que o caso Chico Xavier nos suscita ao raciocínio, mas fiquemos por aqui e entreguemos nosso despretenso volume aos leitores interessados na vida eterna de nossos espíritos eternos.

Peçamos a Deus muitos anos de existência física para o querido Chico. O Brasil precisa dele. Porque no Brasil para todo o mundo, através da Doutrina Espírita, partem as clarinadas redentoras. Manifestamos a Chico Xavier a nossa alegria por este jubileu que vale mais que ouro. São 50 anos de amor puro sob a árvore frondosa do Evangelho.

ZAIR CANSADO - São Paulo-SP

**GILBERTO
CAMPISTA
GUARINO**

Jornalista, Escritor, Poeta e Professor emérito.

Centro Espírita Luiz Gonzaga. Cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Chico apressava-se para a reunião da noite, dentro em pouco. Nesse ínterim, já haviam chegado a Belo Horizonte duas senhoras muito distintas, travando relacionamento na classe médica da capital. Um médico havia que, por seu lindo caráter, seu conhecimento e sua cultura, chamava a atenção de todos. Era o Dr. Melo Teixeira. Ele, as duas senhoras e um terceiro médico resolveram excursionar por Belo Horizonte. Conversando animadamente, o automóvel rodou até Pedro Leopoldo. Uma das senhoras, ouvindo pronunciado o nome da cidade, perguntou se não era, porventura, a terra de Chico Xavier... O interpelado disse que, naqueles mesmos minutos iria ter início a sessão, no Luiz Gonzaga. Para lá se foram. (Observe o leitor o desfecho que, habilmente, a Espiritualidade preparava...) Chegaram, entraram e o Dr. Melo Teixeira dirigiu-se a Chico, que não o conhecia. Apresentaram-se, em termos gerais, só declinando o nome o conhecido médico, os demais referidos como amigos. Chico, como de costume, após dizer-se honrado pela visita ilustre (o Dr. Melo declinará sua condição de catedrático de Psiquiatria, crítico literário), indicou os lugares para todos, lugares esses que se constituíam em vários bancos e toscos caixotes, sob um teto de palha e sobre um chão de tijolos, faceando grande mesa, coberta por toalha branca, trazendo o nome LUIZ GONZAGA. O Dr. Melo Teixeira tomou assento à esquerda de Chico; referiu-se, para a direita, mostrando um lugar para a esposa do médico (Chico desconhecia inteiramente os lances do episódio); mais adiante, fulano e beltrano; cicrano, ainda à frente. Após o receituário, o médium grafou inúmeras mensagens, sob o desconfiado olhar do visitante, que se traía surpreso, diante de tal velocidade. O papel era de padaria, havendo diversos lápis com ponta muito bem feita. Chico pegava um lápis... deixava-o; pegava outro... deixava-o... enquanto alguém ia virando as folhas já psicografadas.

Chico Xavier, gostaria muito de conhecê-lo e também ao seu ideal. Quem sabe um dia?

Os melhores desejos de paz e alegria, da admiradora

TONIA CARREIRO

Terminada a reunião, após a leitura de mensagens e receitas, Chico parou, virou-se, e disse, timidamente, ao Dr..

“— Dr. Melo, o senhor vai me perdoar, mas houve uma confusão muito grande, que eu não pude compreender...”

“— Eu tenho aqui um soneto de Hermes Fontes, dirigido à sua viúva, que ele diz estar presente aqui, e ser aquela senhora.” (Apontou para aquela que ele, Chico, dissera ser a esposa do Dr. Melo).

“Tinha-se a impressão”, diz César Burnier, “que uma pedra havia caído num imenso reservatório de água: as lágrimas jorraram dos olhos da infeliz senhora, comovendo a todos, e enchendo de espanto o recinto singelo e desataviado. O Dr. Melo, atônito, quase desconcertado, olhou para todos os lados e disse:

“Deixe-me ver o soneto, Chico...”

“Leu-o, primeiramente, em silêncio. À medida que o fazia, todos pressentíamos em seu semblante indescritíveis emoções. A testa vincada, tinha lívido o rosto... Súbito, ele, que era um homem honesto e leal ao extremo, vira-se para o público, que era reduzido, e confessa, fortemente chocado, o que se segue:

“— Meus amigos... Se eu andasse atrás de uma prova definitiva, comprobatória mesmo do mediunismo, jamais a encontraria como a encontrei aqui, neste instante. Ela veio às minhas mãos, sem esforço algum. Eu não conhecia Chico Xavier; Chico Xavier não me conhecia, e muito menos sabia que a ilustre senhora que aqui se encontra é viúva do grande poeta Hermes Fontes. Vou ler o soneto, e quero dizer ainda aos amigos que, neste soneto, Hermes Fontes faz referências ao seu auto-extermínio, motivado por inúmeros problemas, envolvendo o desalento familiar. Preciso notar ainda: EU CONHEÇO TODA A OBRA DE HERMES FONTES, e a conheço muito bem. O estilo é cem por cento o do poeta inesquecível. Todas as características poéticas estão profundamente assinadas na peça. Este soneto só poderia ter sido produzido pelo Espírito do nosso querido Hermes. Vou lê-lo, para cumprir um dever de honra.”

Chico... O Evangelho do Cristo brilha incessante, na sua obra e na sua vida, o que me dá a certeza feliz de que seu amado espírito continuará iluminando outros roteiros no Mundo Maior. Que Jesus continue brilhando na sua consciência infinitamente.

CARLOS AUGUSTO STRAZZER

E a voz ecoou, comovida, no pequeno recinto:
(— Para X, que está na sala—)

“Não condeno o teu dia de ventura,
Dessa ventura que eu antegozei
Em meus sonhos lindíssimos de rei,
Que em prazeres as mágoas transfigura.

Eras a luz suave, terna e pura,
A encantadora estrela que eu amei,
Sonho divino, que idealizei
Em meu mundo de sombra e de amargura.

A teu lado busquei amparo e um ninho,
Tomando, ávido, a mão que me estendeste,
Num grande e abençoado afeto irmão.

E deixaste-me, só, no meu caminho...
Mas há nest'alma, que não compreendeste,
Uma fonte sublime de perdão.”

Se o leitor acompanhou atentamente os leves traços fonteanos que nestas páginas ficaram, mais anteriormente, decerto recorda-se do “Buena-Dicha”: “Para amar — procurei o bem, no afeto (AO TEU LADO BUSQUEI AMPARO E UM NINHO) (TOMANDO, ÁVIDO, A MÃO QUE ME ESTENDESTE NUM GRANDE E ABENÇOADO AFETO IRMÃO||) “Para sofrer — levei a Cruz e o Andor||...) POR SUA PARTE|MENTIU-ME O AMOR. TUDO MENTIU ... EXCETO|A DOCE MÃE DOS IMORTAIS, A DOR!|)”

Impossível negar!... Ninguém o negaria... Mas, por que, então, o silêncio e o olvido de tantos e tantos anos em torno de tão emocionante acontecimento?!... Talvez para que, neste cinquentenário de amizade e respeito, de AMOR... que não mentiu, o soneto de Hermes Fontes brotasse dos alfarrábios de César Burnier, fazendo com que nossos próprios sentimentos fremissem de júbilo, tremessem de alegria. Mais de 30 anos no olvido, até que...

... “um dia”, torna a falar César, “em 1968, fui a uma sessão de materialização, que não se realizou, porque nossa querida médium, sofrendo a interferência espiritual na barca que atravessava a baía da Guanabara, dormiu a sono solto, atravessando de Niterói para o Rio inúmeras vezes. No entanto, levava

Mestre...

Amigo, Irmão Chico. Meus respeitos, minha reverência meu companheiro de estrada e de vida. Deus lhe ilumine sempre.

MÁRCIA DI WINDSOR

GILBERTO CAMPISTA GUARINO

comigo um pequeno gravador, já anugo, mas em bom funcionamento. No meio da conversa, estimada senhora, de chofre, me diz:

"— O Sr. sabe..."

"— Sim..."

"— Vi um soneto uma única vez, e, encantada com sua beleza, decorei-o, quando o Sr. Leopoldo Cime para mim o leu, de imediato, como se tivesse tirado uma fotografia mental dos versos. E dele jamais me esqueci: até hoje o guardo."

Como estivéssemos em ambiente espírita, franco e interessado nas coisas do "outro mundo", perguntei-lhe que soneto era aquele, afinal. Ela insistiu em não deixar seu nome ligado ao episódio, mas arrematou:

"É, de fato, o soneto..."

"Pois não"...

"...O soneto era de Hermes Fontes."

"De Hermes Fontes?", perguntei eu...

"Sim, de Hermes Fontes..."

"Custo muito de Hermes Fontes. De que trata o soneto?"

"Ele foi recebido em Pedro Leopoldo, na presença do Dr. Melo..."

"Melo Teixeira?!, cortei-lhe, aos saltos, a voz..."

"Sim... conhece-o?..."

"Prossiga por favor..."

"É um soneto dedicado à viúva do poeta..."

"Não é possível, interrompi eu, novamente. Milha filha... este soneto está desaparecido há anos e anos... Ninguém lhe tem a cópia. A última vez que o vi, há muito tempo, estava já puído, dentro da carteira do Dr. Melo Teixeira. Ele desencarnou e o soneto perdeu-se. Pelo amor de Deus... vamos até a copa... a senhora precisa recitar para mim este soneto... vou gravá-lo."

E assim foi. O soneto surgiu. De 1968 para cá, esteve quase perdido nas bibliotecas de César Burnier. Até que, novamente, veio à tona: Uma fita, um rolo antigo, gravado ainda em 50 ciclos, a tessitura vocal ligeiramente prejudicada, mas... lá estava... e aqui, por vez primeira, ficou.

Hermes Fontes terá, logicamente, acompanhado todo o episódio. As personalidades se fundem. A vida não cessa.

MARIO DONATO

No dia 12 de agosto de 1944, o famoso escritor Mario Donato publicou um artigo no "Estado de São Paulo" sobre as mensagens psicografadas por Chico Xavier, onde em certos trechos declara:

"Não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga pastichar, tão magnificamente, autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, etc..."

Óptimo pela explicação sobrenatural, que não satisfaz a minha consciência é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato. Pode lá um homem avultar tantos palmos, por suas próprias forças, sobre a cabeça dos demais? Pode lá plagiar, velozmente como o faz Chico, Humberto, Antero e outros do mesmo naipe, a quem não se pasticha, senão depois de larga experiência literária e trabalhosa noite de insônia? Não, absolutamente. É milagre. Coisas assim não podem ser senão milagre, puro milagre. Há qualquer intervenção sobre-humana no fato; não porque o diz o Chico Xavier, mas porque assim o exige a nossa arrogância.

Positivamente não aceito a autoria de Chico Xavier, e aceito a de Humberto de Campos, como a de Antero... e qualquer outro que, do lado de lá, tenha o mau gosto de praticar literatura. E creio que esta é a atitude mais humana, a mais condizente com a nossa falta de humildade. É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo."

E conclui euforicamente:

"Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras e, naturalmente, estamos mais dispostos a reconhecer-lhe amizades no céu que direitos literários ao Petit Trianon."

Ou se aceita Humberto subsistindo no outro mundo ou se aceita Chico Xavier valendo por Humberto e mais meia dúzia de cérebros arqui-privilegiados."

Humilde y austero, Chico Xavier es la más exquisita antena psíquica del siglo XX.

Revista CONOCIMIENTO DE LA NUEVA ERA - Argentina